

A BUSCA PELA CONVERGÊNCIA ENTRE CONHECIMENTO TEOLÓGICO E PIEDADE CRISTÃ: UM DESAFIO URGENTE PARA AS ESCOLAS DE TEOLOGIA

Prof. Dr. Eurípedes Pereira de Brito¹

RESUMO

Este estudo trata da busca pela convergência entre o conhecimento teológico e a piedade cristã. Convergência não é uma experiência historicamente percebida muitas vezes na maioria dos centros acadêmicos teológicos. Há, muitas vezes, pelo contrário, uma tendência de pessoas irem para o mundo acadêmico teológico e quase perderem a própria fé, visto que, muitas vezes, no desenvolvimento da vida acadêmica, acabam por abandonar a prática da vida piedosa, a vida da reflexão somada às disciplinas espirituais, tais como a devoção, oração, contrição, confissão e adoração. A pesquisa teve como objetivos analisar as fontes bibliográficas para uma avaliação do assunto; verificar a vida de alguns personagens históricos como referência para a busca da convergência entre conhecimento e piedade; avaliar algumas práticas atuais de espiritualidade e, por fim, discutir proposta para a prática dessa convergência.

Palavras-chave: Conhecimento. Espiritualidade. Reflexão. Academia. Teologia. Piedade.

ABSTRACT

This study it deals with the search for the convergence between theological knowledge and the Christian mercy. This convergence is not an experience historically perceived many times in the majority of the theological academic centers. Having, many times, for the opposite, a trend of people capsize almost for the theological academic world and to lose the proper faith, since, many times, in the development of the academic life, finish for abandoning the practical one of the merciful life, the life of the reflection added to them discipline spirituals, such as the devotion, conjunct, repentance, confession and worship. The research had as objective, to analyze the bibliographical sources for an evaluation of the subject; to verify the life of some historical personages as reference for the search of the convergence between knowledge and mercy; to evaluate some practical current of spirituality and, finally, to argue proposal for the practical one of this convergence.

Keywords: Knowledge. Spirituality. Reflection. Academy. Theology. Mercy.

¹ O autor é formado em Teologia com doutorado em Teologia Prática com ênfase em Aconselhamento Pastoral. É professor na Faculdade FAIFA e exerce o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Luz, em Goiânia, Goiás. E-mail: prof.euripedes@faifa.com.br. (Dados de 2012).

INTRODUÇÃO

Tornou-se comum, em alguns grupos evangélicos, a imagem daqueles que buscam aprofundar-se na reflexão teológica acadêmica como sendo a de pessoas que abandonaram suas emoções, tornando-se pessoas frias, insensíveis e que oram pouco. Essa imagem não foi criada por uma resistência aos estudiosos da teologia, mas, infelizmente pela própria conduta de vida de muitos deles na história. Verificamos, por um lado, uma tendência naqueles que buscam uma vida voltada para o aprofundamento acadêmico de não serem pessoas que cultivam uma vida de piedade e oração, muitas vezes expressando indiferença às emoções. Segundo Peterson (2009, p. 76): “A formação nos seminários é perigosa – e muitos perderam a fé nas salas de aula e bibliotecas de seminários. [...] Todos nós, pastores e professores indistintamente [...]. Nenhum de nós escapou incólume”. De outro lado, muitas vezes, verificamos também que, aqueles que buscam por uma vida de oração e de piedade cristã, passam a ideia de que o crescimento acadêmico é desnecessário. Esperamos que esses dois extremos possam ser evitados e superados.

Procuramos, portanto, tratar nesse artigo da realidade histórica da crise entre a busca pelo conhecimento teológico acadêmico e a piedade cristã. A metodologia usada foi a da pesquisa bibliográfica para obtenção dos dados a serem examinados. A pesquisa teve como objetivos, analisar as fontes bibliográficas para uma avaliação do assunto; verificar a vida de alguns personagens históricos como referência para a busca da convergência entre conhecimento e piedade; avaliar algumas práticas atuais de espiritualidade e, por fim, discutir proposta para a prática dessa convergência.

1. A CRISE HISTÓRICA DOS QUE INGRESSAM NAS ESCOLAS ACADÊMICAS DE TEOLOGIA

A decepção mais frequentemente expressa pelos homens e mulheres que ingressam nos centros de estudos teológicos está relacionada com a espiritualidade. Não raro, chegam a essas escolas motivados por sua vocação ministerial e por um desejo de viver uma vida totalmente consagrada ao Senhor. Mas logo descobrem que, em cada ocasião, estão sendo conduzidos ou desviados em relação a essa intenção original. Encontram-se imersos em controvérsias teológicas históricas, acham-se acordados altas horas da noite memorizando paradigmas gregos ou hebraicos e

acordam pela manhã esfregando os olhos, aturdidos com o fato de que, muitas vezes, o que menos experimentam é a vida de estudos bíblicos e oração. Ainda, verificam que os professores estão cada vez mais interessados em suas redações do que em sua espiritualidade, e assim, não se sentem convidados à piedade. Há poucos que se dispõem a serem modelos de espiritualidade no meio do corpo docente dos centros teológicos acadêmicos.

Eugene Peterson, em sua obra, “Espiritualidade Subversiva”, conta sua experiência dizendo que cresceu cercado por advertências quanto aos perigos dos seminários (PETERSON, 2009, p. 75-76). A tradição sectária na qual foi formado não via nenhuma vantagem no aprendizado. Pensar sobre Deus não o levaria a lugar algum, a não ser a um problema. Insistiam para que ele somente crescesse. Para aquelas pessoas da tradição sectária que tentava mentorear Peterson, o cérebro ficava praticamente intocado enquanto o Espírito Santo enchia o coração que louvava com bênçãos.

Para essas pessoas da fé relacionadas a Peterson, os seminários eram como cemitérios da espiritualidade e da fé. Ele recebia advertência de fim de mundo e juízo final pelos simples desejo de ir a um seminário. Para aquelas pessoas, o cérebro era considerado razoavelmente inofensivo se usado para executar tarefas fáceis do cotidiano. Mas, se o cérebro se atrevesse a buscar a reflexão teológica sobre Deus e seus propósitos, a fazer perguntas complicadas e pesquisar os grandes tratados de teologia, certamente desenvolveria uma malignidade que rapidamente contaminaria a alma. Os amigos de Peterson viam a busca acadêmica teológica como um câncer intelectual que era a maior causa conhecida de morte da alma. Muitas das advertências vinham acompanhadas de exemplos históricos de pessoas que naufragaram na fé. Infelizmente, afirma ele que conhecia algumas das pessoas dessas histórias e não havia nenhuma razão para duvidar da validade das advertências. Segundo Peterson (2009, p.76): “A única coisa prudente a fazer era evitar os seminários completamente, a qualquer preço, eles são perigosos demais para se arriscar uma vocação”.

Mas, apesar das advertências e das histórias, Peterson conta-nos que foi para o seminário. Levando consigo as advertências e temores, mas foi. Quarenta anos depois, não tendo apenas frequentado, mas também lecionando em alguns deles, ele afirma:

Não encontrei nenhuma prova de que qualquer das advertências estivesse errada – ou mesmo fosse exagerada. A formação dos seminários é perigosa e muitos perderão a fé nas salas de aula e bibliotecas de seminários. Muitos outros, ainda que não tenham sido retirados num caixão, ficaram mutilados ou atrofiados, quer quase imperceptivelmente, quer escancaradamente. (PETERSON, 2009, p. 76).

O Iluminismo no século XVII causou uma separação entre o coração e a mente, a fé e a razão, o natural e o sobrenatural. Todo o processo de formação acadêmica foi influenciado por essa tendência racionalista do Iluminismo, e por causa dessa tendência, muitas vezes as escolas não tem sido bons aliados na batalha por uma vida de adoração, oração e amor a Deus. Segundo Peterson (2009, p. 76, 77): “Falar sobre Deus é quase antítese de falar com Deus. Ainda que se possam empregar palavras semelhantes, tanto na teologia como na vida de oração, falar sobre Deus e falar com Deus, não são a mesma coisa de forma alguma”. Os estudiosos trouxeram erros enormes desde a Idade Moderna, pela opção da imagem brilhante da crítica histórica. A pesquisa acadêmica abusou de sua posição quando os teólogos estudiosos trouxeram ao projeto do Iluminismo a ambição de transformar a fé em algo em que se poderia crer intelectualmente. Como parte da tentativa de responder a esse tipo de expectativa, os teólogos tentaram provar a fé por meio do modo de pensar assumido, o da ciência racional, e se perderam em meio ao liberalismo teológico. Segundo Dawn (2009, p. 20): “Assim, permitimos que os princípios usados pulverizassem as Escrituras de tal forma que os textos perderam a capacidade de nos moldar!”

O autor desse artigo, quando ingressou nos seus estudos de doutorado, encontrou um jovem rapaz que estava também iniciando seus estudos de pós-graduação, especificamente no mestrado em teologia exegética. Toda aquela emoção do momento de início do curso envolvia e enchia os corações de ambos de expectativas, de sonhos comuns de crescer no conhecimento para poder servir melhor a Deus e ao próximo. Houve uma aproximação de forma muito rápida e logo as histórias de vida eram compartilhadas: experiência de fé, conversão, espiritualidade, comunhão com Deus e com a sua Palavra. A amizade foi fortalecida e aqui e ali havia encontros para a troca de experiências e compartilhar da vida; momentos de amizade, crescimento e trocas de verdades do coração. Com o passar do tempo, cada um teve que assumir a especificidade de sua área de pesquisa e já não tinham tempo para compartilhar e desfrutar a vida, pois o tempo era só para estudar e correr atrás de responder aos desafios acadêmicos. Nos poucos encontros, falavam apenas sobre as histórias do curso, lamentos de tantas obrigações acadêmicas, o que restava de bom e trazia certo conforto era a tentativa de contarem histórias cômicas para esquecer um pouco de toda a responsabilidade e peso que se acumulavam.

No último encontro, uma grande tristeza, o amigo estava tomado por uma expressão existencial de vazio. Ele se dispôs a ir ao aeroporto, na última viagem do autor à cidade de São Leopoldo (RS). Pegaram o trem que faz o trajeto de São Leopoldo até o aeroporto em Porto Alegre.

Naquela pequena viagem o autor lhe perguntou, “você ainda está lendo a Bíblia devocionalmente e tem orado a Deus?” A resposta foi a esperada, um sincero e triste não, e a afirmativa de que seus estudos lhe tinham tirado aquela fé ingênua e pura restando vários questionamentos existenciais. Diante do pouco tempo, pôde-se apenas lhe advertir para que ainda assim, insistisse na busca de se reencantar pela piedade cristã. Com abraços e lágrimas se despediram. O autor saiu daquele último encontro profundamente tomado por um sentimento de tristeza e, por que não dizer, até mesmo de raiva, com o que havia acontecido com aquele amigo antes cheio de sonhos.

Peterson diz que demorou a compreender que a vida espiritual, ao que parece, não depende de lugares ou cursos (2009, p. 77). Ele afirma que levou muito tempo para reconhecer esse fato que não seria muito complicado e até mesmo óbvio. Assim, afirma Peterson (2009, p. 77): “Mas, quando o reconheci, parei de esperar que as pessoas ou instituições fornecessem para mim o que já estava guardado no meu quintal. E, a partir desse reconhecimento, fui liberto de muita murmuração e queixume no deserto”.

O seminário deveria ser visto como aquele lugar que não fornece o material da formação espiritual, mas sim, uma circunstância em particular em que a formação acontece por um período de tempo relativamente curto (PETERSON, 2009, p. 77). O seminário precisa ser visto como um mundo de palavras. É essencial esse reconhecimento para lidarmos com as questões da formação espiritual. Conforme Peterson (2009, p. 78), a questão principal não é “O que podemos fazer para que o seminário seja um lugar melhor para a formação espiritual?”, mas, sim, “Como podemos ingressar nas circunstâncias singulares que constituem os seminário e abraçar tais circunstâncias de tal maneira que possamos crescer para chegar à maturidade de Cristo Jesus?”.

2. ANÁLISE DE PERSONAGENS QUE EXPERIMENTARAM A CONVERGÊNCIA ENTRE CONHECIMENTO E PIEDADE CRISTÃ

2.1 Evrágio e a resitência ao *logismos*

A história e experiência de Evrágio, reconhecido como um dos “pais do deserto”², é de grande importância para o estudo da relação entre a piedade e academia teológica. Evrágio usou o

² Termo utilizado para alguns líderes espirituais do tempo do monastério que, a partir da Idade Média, influenciaram profundamente a jornada da espiritualidade na história.

termo *logismos* em referência ao pensamento ou tipo de pensamento que se põe no caminho do *Logos* e o prejudica. Um *logismos* para ele seria um pensamento que procura se tornar independente do *Logos* e basicamente ganha vida própria, seguindo o seu próprio curso, tenta desenvolver-se de forma solitária (PETERSON, 2009, p. 80). Para Evrágio, a nossa mente se entorpece quando nos enchemos e nos ocupamos do *logismos* em vez de nos acercar do *Logos* em oração. Deveríamos ter como propósito para o bem supremo da criatura humana, a busca pela convergência entre o conhecimento de Deus e a oração a Deus.

Conforme Evrágio, quando o conhecimento de Deus não conduz à oração ou não se torna uma oração a Deus, torna-se na verdade maligno (PETERSON, p. 81). A distinção importante entre *Logoi* e *Logosa*, bem como a sabedoria para submeter *Logoi* ao *Logos*, pode e deve ser desenvolvida a partir dos seminários. Nas palavras de Paulo (2Co 10.5) devemos “levar cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo.” Se o pensamento, mesmo o pensamento sobre Deus, não for conduzido à obediência e consagração diante de Deus numa vida de piedade e oração, ele pode se tornar egoísta, orgulhoso e até demoníaco.

2.2 Martinho Lutero e a sua insistência pela vida de oração

Os homens geralmente querem atribuir o grande êxito de Lutero à sua extraordinária inteligência e aos seus destacados dons, mas aqueles que estudaram mais profundamente a sua vida verificaram que Lutero também tinha o costume de orar horas a fio e reputam isso como uma de suas vitórias pessoais. Conta-se que ele afirmava que, se não passasse duas horas de manhã orando, recearia que Satanás ganhasse a vitória sobre ele durante o dia (BOYER, 2002).

O imperador Carlos V, que ia convocar sua primeira Dieta na cidade de Worms, convocou Lutero para que comparecesse para responder, pessoalmente, aos seus acusadores. Os amigos de Lutero insistiam para que ele se recusasse a ir. A despeito de todos que se esforçavam por dissuadi-lo de comparecer perante seus terríveis inimigos, Lutero, fiel à chamada de Deus, depois de dar as ordens acerca do trabalho, no caso de ele não voltar, partiu.

Na sua viagem para Worms, muitos afluíam para o homem que teve a coragem de desafiar a autoridade do Papa. No seu caminho, pregava numa das cidades chamada Mora ao ar livre porque as igrejas não mais comportavam as multidões que queriam ouvir os seus sermões. Conta-se que, ao avistar as torres das igrejas de Worms, cantou o seu hino, o mais famoso da Reforma: “Castelo

Forte é o Nosso Deus”. Ao entrar, por fim, na cidade, estava acompanhado de uma multidão de povo. No dia seguinte, ele foi levado perante o imperador, ao lado do qual se achavam o delegado do Papa, seis eleitores do Império, vinte e cinco duques, oito margraves, trinta cardeais e bispos, sete embaixadores, os deputados de dez cidades e grande número de príncipes, condes e barões. Lutero, ao contrário do se possa imaginar, não era um homem de grande coragem e de físico forte para enfrentar tantas feras que ansiavam despedaçar-lhe o corpo. Ele, na verdade, passara uma grande parte da vida afastado dos homens e, mais ainda, achava-se fraco da viagem, na qual foi necessário um médico que o atendesse. Entretanto, mostrou-se corajoso, não na sua própria força, mas no poder de Deus. Sabendo que tinha de comparecer perante uma das mais imponentes assembleias de autoridades religiosas e civis de todos os tempos, Lutero passou a noite anterior de vigília. Prostrado com o rosto em terra, lutou com Deus, chorando e suplicando.

Um dos seus amigos ouviu-o orar assim: Oh! Deus todo-poderoso! A carne é fraca, o diabo é forte! Ah! Deus meu Deus, que perto de mim estejas contra a razão e a sabedoria do mundo! Fá-lo, pois somente tu o podes fazer. Não é a minha causa, mas sim a tua. Que tenho eu com os grandes da terra? É a tua causa, Senhor, a tua justa e eterna causa. Salva-me, oh! Deus fiel! Somente em ti confio, oh! Deus! Meu Deus... Vem, estou pronto a dar, como cordeiro, a minha vida. O mundo não conseguirá prender a minha consciência, ainda que esteja cheio de demônios, e se o meu corpo tem de ser destruído, a minha alma te pertence e estará contigo eternamente. (BOYER, 2002, p. 24).

Lutero foi um daqueles gigantes que serviu os propósitos de Deus na sua própria geração (cf. Atos 13.36).

2.3 João Calvino e a defesa do conhecimento aliado à piedade cristã

Com frequência, a reputação de Calvino como um intelectual é vista separadamente do contexto pastoral e espiritual em que ele escreveu a sua teologia. Para Calvino, o entendimento teológico e a verdade, a piedade e a utilidade prática são inseparáveis. Antes de tudo, a teologia lida com o conhecimento – conhecimento de Deus e de nós mesmos; mas não há conhecimento verdadeiro onde não há piedade verdadeira.

Para Costa (2008, p. 72), Calvino não aprovava a reflexão teológica como apenas especulação da imaginação, pois a teologia tinha que estar relacionada à vida prática.

Que todos os questionamentos supérfluos que não se inclinam para a edificação devem ser com toda razão suspeitos e mesmo detestados pelos cristãos piedosos. A única

recomendação legítima da doutrina é que ela nos instrui na reverência e no temor de Deus. E assim aprendemos que o homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus. (CALVINO, 1998 *apud* COSTA, 2008, p. 72).

A reflexão teológica, portanto, estaria conectada com a piedade. A teologia envolve toda a nossa mente, coração e vontade. Por isso, “o fim de um teólogo não pode ser deleitar o ouvido, senão confirmar as consciências ensinando a verdade e o que é certo e proveitoso”. (CALVINO, 1998 *apud* Costa, 2008, p. 73).

Na busca da compreensão da Palavra de Deus, a oração era ingrediente indispensável em todo o seu sistema e labor. Três vezes por semana, em semanas alternadas, ele fazia preleções sistemáticas sobre os livros das Escrituras. Cada palestra era iniciada e concluída com uma breve oração.

“A piedade está sempre fundamentada no conhecimento do verdadeiro Deus; e isso requer ensino” (CALVINO, *apud* COSTA, 2008, p. 74). Deveríamos nos deixar levar por esse conhecimento que nos conduz à reverência e ao amor para com aquele que nos ama e preserva. No seu comentário a respeito de 1 Timóteo 6.3, Calvino 1998 *apud* COSTA, 2008, p. 74) diz que, “a doutrina só será consistente com a piedade se nos estabelecer no temor e no culto divino, se edificar nossa fé, se nos exercitar na paciência e na humildade e em todos os deveres do amor”.

Assim, podemos concluir, acerca dos estudos e da vida de Calvino, que a piedade designa a atitude correta de um homem para com Deus, uma atitude que inclui conhecimento verdadeiro, adoração sincera, fé salvadora, temor filial, submissão e amor reverentes. O saber sobre quem e como Deus é (teologia) envolve atitudes corretas para com Ele e fazer o que Ele deseja (piedade), (BEEK, 2009, p. 189).

2.4 James Houston e a busca pela reforma do coração

Dr. Houston, um escocês que fundou o *Regent College* em Vancouver, no Canadá, é um reconhecido estudioso e pioneiro no campo de espiritualidade evangélica. Casado há mais de 50 anos, pai de três filhos e avô de nove netos, teve a sua educação na Inglaterra, nas universidades de Oxford e Edinburgo. Lecionou Geografia por 27 anos e, em 1970, no *Regent College*, lecionou Teologia Espiritual até se aposentar em 2002. Já escreveu mais de 40 livros, dentre os quais “Orar

com Deus” e “Fome da alma”, publicado pela editora Abba Press, e “Mentoria Espiritual”, pelas editoras Sepal e Textus.

O autor dessa pesquisa esteve presente em alguns momentos das visitas desse pioneiro ao Brasil e pode ouvir suas palestras, nas quais ele reafirmou suas profundas crenças e expectativas de que o povo de Deus pudesse experimentar uma “reforma do coração”. Segundo o seu pensamento, não precisamos de mais uma reforma teológica, mas dessa reforma espiritual, a qual ele mesmo tem procurado viver intensamente e transmitir nos seus livros que tem impactado a vida de homens e mulheres de Deus, líderes de nossa atualidade.

Não há nada que mine mais a nossa eficiência complacente ou nossa confiança profissional que o reconhecimento de que jamais nos tornaremos especialistas em oração. Quando começamos a perceber todo o potencial do nosso relacionamento com Deus, temos que admitir que somos todos ainda principiantes na oração. (HOUSTON, 2003, p. 279).

Na sua perspectiva, viver sem orar é, de alguma forma, deixar de crer em Deus. Mas, se deixamos de orar porque Deus está morto, conforme o pensamento de Nietzsche, para Houston (2003, p. 15): “Tudo é permissível. Nada é verdadeiro e tudo é permitido. Nesse ponto, nossa humanidade também acaba.”

3. UMA AVALIAÇÃO DO EMOCIONALISMO E DO EXPERIENCIALISMO NO MUNDO EVANGÉLICO ATUAL

A completa entrega às emoções e a busca desenfreada por experiências sensoriais em grande parte do mundo evangélico brasileiro, pode produzir consequências negativas sem medidas para as pessoas envolvidas e para a igreja. Emoções e experiências podem representar aspectos sublimes do ser humano como, também, o lado mais perigoso dentro de nós. Até alguns ramos da Psicologia assumem a importância das leis de conduta como meio desenvolvido pela sociedade, para que impulsos emocionais sejam controlados.

Observamos uma tendência muito forte ao emocionalismo e ao experiencialismo nos nossos dias. Possivelmente, isso esteja ocorrendo pelo fato de muitos não terem encontrado respostas no

racionalismo secularista que atingiu a sociedade em geral, e até mesmo algumas celebrações litúrgicas de igrejas evangélicas de linha histórica. Essa tendência ao misticismo também pode estar ocorrendo pelo abandono de referenciais teológicos, assimilado a partir da influência do pluralismo pós-moderno. De uma forma ou de outra, verificamos um forte apelo para experiências religiosas, sem análise bíblico-teológica refletida, e até mesmo sem análise psicológica da situação. Assim, ao falar de uma busca pelo espaço das emoções e experiências no culto e na teologia reformada, entendemos a necessidade de uma vigilância cuidadosa para não cairmos num misticismo, pelo extremo do emocionalismo e experiencialismo tão enfatizados nos dias atuais.

Numa conferência para pastores em Brasília no ano de 2005, Santos³ destacou o perigo da manipulação das emoções encontrada no mundo evangélico a partir da influência teológica de Charles Finney. Perguntado sobre qual, então, seria o lugar das emoções e da experiência na liturgia e no culto reformado, Santos respondeu afirmando que há todo um espaço para as emoções e as experiências no culto e na teologia reformada. Em resumo, ele observou que o Movimento Puritano, por exemplo, nasceu da compreensão da necessidade de uma experiência religiosa por parte dos filhos dos crentes e por parte daqueles que buscavam pela vida cristã. Outro exemplo apresentado por Santos foi a vida de Jonathan Edwards, renomado teólogo protestante reformado que teve experiências profundas com Deus, ele e sua comunidade da fé. Assim, devemos assumir, afirmou Santos, que as emoções e a experiência no culto e na teologia reformada são consequências de uma profunda análise teológica a respeito de Deus a partir das Escrituras Sagradas. A diferença para ele está no fato de que o padrão para avaliar as experiências é a Palavra de Deus e não a própria experiência conforme alguns têm afirmado.

4. SOLENIDADE, JÚBILO E ALEGRIA, CONTRADITÓRIOS OU COMPLEMENTARES NA PRÁTICA DA PIEDADE CRISTÃ?

A tendência ao exagero emocional e à sensualidade nas manifestações de culto encontradas em alguns seguimentos evangélicos tem provocado em muitos cristãos, que buscam por uma vida comprometida com a Palavra de Deus, o medo de que esse tipo de experiência tome conta das celebrações litúrgicas das igrejas reformadas. A pergunta difícil que precisa ser levantada é: seria possível desenvolver um culto solene no qual, ao mesmo tempo, houvesse manifestações de júbilo e

³ Santos, Augustos Nicodemos. Texto não publicado. Palestra ministrada para pastores. O Dr. Santos é autor de várias obras teológicas e, atualmente é Chanceler da Universidade Mackenzie em São Paulo.

alegria espontâneos nos lugares reservados para o culto público inclusive nas capelas das escolas de teologia?

A ênfase à necessidade da solenidade no culto encontra profunda sustentação bíblica a partir das afirmações paulinas de que o culto público deve ser feito com ordem e decência (cf. 1 o 14.40). Ao pensarmos nos extremos encontrados nos cultos às divindades no contexto histórico de Paulo, inclusive nos quais se encontrava a ênfase no prazer a ponto de haverem prostitutas cultuais, ajuda-nos a compreender a exortação teológica de Paulo. Da mesma forma, nas religiões de mistério, havia uma ênfase muito grande ao emocionalismo na prática litúrgica.

Esses mistérios também envolviam ritos secretos de iniciação e outras cerimônias, como lavagens cerimoniais, aspersão de sangue, refeições sacramentais, intoxicação alcoólica, frenesi emocional e um impressionante fausto, por meio dos quais os devotos entrariam em união mística com os deuses. (GUNDRY, 2007, p. 145).

No entanto, solenidade não precisa ser compreendida como sinônimo de ausência de manifestações de alegria e emoções na presença de Deus. A partir de uma análise bíblica séria, encontramos manifestações de júbilo e alegria, com muita solenidade nos cultos do Antigo Testamento. Propor uma ressurreição de toda a liturgia vetero testamentária seria uma incoerência teológica diante da compreensão de que Cristo cumpriu em si a lei cerimonial. Mas, ao assumir que Cristo cumpriu em si mesmo a lei cerimonial, a igreja de Jesus não deveria jogar fora toda a riqueza litúrgica do Antigo Testamento. A afirmação de Cristo de que os verdadeiros adoradores são aqueles que adoram o Pai em espírito e em verdade, não limita a um tipo de adoração que dispensaria forma, instrumentos e beleza litúrgica. Jesus coloca o valor no que é mais profundo, não no que é externo. Assim, o limite estaria numa base bíblico-teológica, a partir da qual poderia se verificar as intenções da manifestação da adoração em espírito, que utiliza de local, de instrumentos, de preparo, de beleza, de alegria e de outros aspectos litúrgicos.

Jubilar-se, alegrar-se e regozijar-se, na Bíblia, são expressões de uma alegria sonora na presença de Deus. O temor ao Senhor, princípio de toda sabedoria, é o tempero que nos leva a essas manifestações, sem cair no descontrole racional e emocional. O culto racional, sacrifício vivo apresentado a Deus, pode incluir alegria, júbilo, lágrimas de emoções sinceras na presença de Deus. As lágrimas derramadas (frutos de emoção) podem ser manifestações sinceras de alegria, de gratidão, de tristeza por uma perda, ou ainda, pelo convencimento de pecado. Mas é preciso reafirmar, o centro da prática litúrgica reformada é a exposição da Palavra de Deus. Para o autor do

livro de Hebreus, a Palavra de Deus “é mais cortante do que qualquer espada de dois gumes [...]” (Hb 4.12ss.). Quando, portanto, a Palavra é exposta com temor, tremor e sabedoria, fica manifesta a clara vontade de Deus para o seu povo, e as pessoas são visitadas por essa Palavra que, é mais cortante do que qualquer espada de dois gumes e expõe os pensamentos e propósitos mais profundos das pessoas na presença do Senhor. Pela Palavra, as pessoas são tocadas e convencidas do amor de Deus, convencidas de pecado, convencidas da graça de Deus, e reconhecem o quanto dependem dele. Reconhecem também que foram preservadas do mal, que foram abençoados por Deus, e se sentem profundamente emocionadas pelo toque da Palavra em seus corações. Quando assim acontece, algumas pessoas emocionadas, experimentando a presença de Deus, e sua Palavra no coração, sentem desejo profundo de chorar arrependidas, chorar de gratidão pela graça manifesta nas tribulações, e sentem desejos sinceros de expressar com palavras a sua alegria pelo cuidado de Deus percebido, e assim o podem fazer dentro de um processo no qual haja ordem e decência. Apesar de toda essa revelação da própria Palavra, infelizmente, há igrejas que não permitem expressões mais espontâneas de sentimentos no culto, julgando que assim estariam quebrando a solenidade. Esse tipo de posicionamento tem a possibilidade de trazer mais enfermidades que saúde para o corpo de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de transformação das Escolas de Teologias, de lugares frios e destruidores da fé em um lugar de relacionamentos transformadores e de experiências vivas de fé e piedade cristã, deve ser um desafio de todos. A direção das escolas fica esperando muitas vezes que as novas turmas de alunos possam ser mais espirituais e assumam a tarefa de tornar a escola mais espiritual. Os professores, cada um preocupado com o seu próprio mundo, não se veem, muitas vezes, como parte importante do processo, há uma terrível tentação de se tornarem apenas profissionais da Teologia. Os alunos sempre estão na expectativa de que os outros é que vão tomar a iniciativa. Todos deveriam assumir o seu papel nessa reconstrução. Segundo Peterson (2009, p. 81): “Todos nós que consideramos os seminários parte importante do ministério da igreja podemos contribuir para a formação espiritual que se dá dentro deles”.

Precisamos refletir e praticar a espiritualidade, numa busca das motivações mais secretas do nosso relacionamento com Deus e encontrar uma teologia consistente com esse relacionamento.

Precisamos urgentemente discernir o lugar de Deus no nosso coração e na experiência vivida por nós e permitir ser conduzidos ao deserto, lugar de solitude; de encontro com a nossa alma, para que ali, destituídos de toda ilusão e hipocrisia, sejamos confrontados com a realidade do nosso caráter. E despidos possamos ser revestidos pela ação poderosa do Espírito Santo em nossas vidas. (SOUSA, 1998, p. 51).

Precisamos ter atitudes concretas, sujeitando a nossa vontade à vontade de Deus, no exercício prático da busca pela vida piedosa. Peterson (2002, p. 114) afirma que: “Sem o exercício da vontade, sou um pano de pratos, atirado num pia suja. Se minha vontade for anêmica, os imperativos em toda a mensagem do Evangelho (venha, siga, levante, ame) afundam num mar de piedade sem extrair uma gota de sangue vermelho”.

REFERÊNCIAS

BEEKE, Joel. *Vencendo o mundo*. José dos Campos: Fiel, 2009.

BOYER, Orlando. *Heróis da fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

COSTA, Hermsten P. C. *A piedade obediente de Calvino: teologia e vida*. *Fides Reformata* VIII. N. 1 (2008): 71-86.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 3ª. Ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HOUSTON, James. *Orar com Deus: desenvolvendo uma transformação e poderosa amizade com Deus*. São Paulo: Abba, 2003.

PETERSON, Eugene; Dawn, Marva. *O pastor desnecessário: reavaliando a chamada para o ministério*. Rio de Janeiro: Textus, 2001.

PETERSON, Eugene. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

_____. *O pastor contemplativo*. Rio de Janeiro: Sepal, 2002.

SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração*. Curitiba: Encontro, 1998.